

IMPOSSÍVEL

DANIELLE STEEL

# IMPOSSÍVEL

Tradução de  
LÍDIA GEER



*Para os meus maravilhosos filhos, Beatrix, Trevor, Todd, Nick, Samantha, Victoria, Vanessa, Maxx e Zara, os quais não só tornam a minha vida possível, mas também feliz e cheia de júbilo e de amor. Sinto-me abençoada e afortunada por vos ter, com toda a vossa alegria, amor e momentos de ternura que partilhamos de maneira tão profunda. Presto-vos a minha homenagem, agradeço-vos, dou-vos mais apreço do que sou capaz de expressar. Quem me dera que um dia venham a ser tão abençoados como eu fui, com filhos como vocês.*

*Com todo o meu amor,*

*Mãe*

«[...] Que significa “cativar”?

É uma coisa de que toda a gente se esqueceu. [...] Significa “criar laços...”

[...]

[...] Para mim não passas, por enquanto, de um rapazinho em tudo igual a cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu não precisas de mim. [...] Mas, se me cativares, precisaremos um do outro. Serás para mim único no mundo. Serei única no mundo para ti...

[...]

[...] Mas se tu me cativares, será como se o Sol iluminasse a minha vida. Distinguirei, de todos os passos, um novo ruído de passos. Os outros passos fazem-me esconder debaixo da terra. Os teus hão de atrair-me para fora da toca, como uma música. [...] Por isso, quando me tiveres cativado, vai ser maravilhoso.

[...]

Cativa-me, por favor...

[...]

Só se conhecem as coisas que se cativam. [...] Mas como não existem mercadores de amigos, os homens já não têm amigos. Se queres ter um amigo, cativa-me!

Como é que hei de fazer?

Tens de ter muita paciência. [...] Primeiro, sentas-te um pouco afastado de mim, assim, na relva. Eu olho para ti pelo rabinho do

*olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, de dia para dia, podes sentar-te cada vez mais perto...*

[...]

*[...] ainda não sois nada. [...] Ninguém vos cativou, nem vós cativastes ninguém. [...] Mas fiz dela minha amiga, e agora é única no mundo.»*

(Excertos de *O Príncipezinho*, Antoine de Saint-Exupéry, tradução de Alice Gomes, Editorial Aster)

*se me cativares  
e se eu te cativar  
não perderás  
a tua maravilhosa  
e temerária*

*liberdade  
ou o ar  
que respiras,  
que não foi perdido,  
mas encontrado,*

*depois de cativado  
e de corpo  
inteiro,  
em silêncio,  
conseguirás  
encontrar-me,  
e eu,  
finalmente,  
ter-te-ei  
encontrado.*

d. s.

## CAPÍTULO

---

# 1

A Galeria Suvery, em Paris, situava-se num edifício impressionante, uma elegante casa apalaçada do século XVIII na Faubourg Saint-Honoré. Os colecionadores eram recebidos apenas com hora marcada, transpondo os imponentes portões de bronze que davam acesso ao pátio interior. Mesmo em frente tinham a galeria principal e à esquerda ficavam os escritórios de Simon de Suvery, o proprietário. À direita encontrava-se o espaço que a filha havia acrescentado à galeria, a ala de arte contemporânea. Nas traseiras da mansão havia um amplo e requintado jardim, repleto de esculturas, em grande parte da autoria de Rodin. Simon de Suvery ocupava aquele espaço havia mais de quarenta anos. O seu pai, Antoine, fora um dos colecionadores de arte mais importantes da Europa, enquanto Simon, antes de ter aberto a galeria, havia sido um reputado perito em pinturas da Renascença e dos mestres holandeses. Agora era consultor de vários museus em todo o território europeu, além de ser extremamente conceituado entre os colecionadores particulares, sendo admirado, e muitas vezes temido, por todos os que o conheciam.

Simon de Suvery era uma figura intimidante, alto e com uma constituição física possante, feições austeras e olhos escuros de expressão tão acerada que pareciam penetrar-nos

até ao fundo da alma. Simon não teve pressa em casar. Na juventude tinha andado atarefado a estabelecer-se no seu ramo de atividade, pelo que não havia perdido tempo com romances. Aos quarenta anos, desposou a filha de um importante colecionador norte-americano. Foi uma união bafejada pela felicidade e pelo sucesso. Marjorie de Suvery nunca se envolveu pessoalmente nos assuntos da galeria, que já se encontrava bem estabelecida antes de se ter casado com Simon. Sentia-se fascinada por aquele espaço dedicado à arte, admirando os trabalhos que o marido expunha. Estava profundamente enamorada, tendo passado a sentir um interesse apaixonado por tudo o que ele fazia. Marjorie também se dedicava às artes plásticas, embora nunca tivesse tido o à-vontade para mostrar os seus trabalhos. Pintava paisagens e retratos esmerados, sendo frequente oferecer essas pinturas de presente aos amigos. Verdade fosse dita, Simon sentira-se tocado pelo trabalho dela, mas nunca ao ponto de ficar impressionado. Era implacável nas suas escolhas, impiedoso nas decisões que tomava em relação à galeria. Tinha uma vontade férrea, um espírito perspicaz, muita sagacidade para os negócios e um coração generoso, embora estivesse enterrado muito fundo e, por vezes, bem escondido. Ou, pelo menos, era o que Marjorie dizia, embora nem toda a gente acreditasse nela... Simon era justo na forma como lidava com os que trabalhavam para si, honesto com os seus clientes e persistente quando queria algo que considerava que a sua galeria devia possuir. Por vezes, levava vários anos até conseguir adquirir um quadro ou uma escultura em especial, mas não descansava até concretizar os seus objetivos. Havia cortejado a mulher nos mesmos moldes, até terem contraído matrimónio. E depois de



a ter, guardou-a como se fosse um tesouro — em grande parte só seu. Apenas comparecia em eventos sociais quando considerava que era indispensável e tinha por hábito receber os clientes numa das alas da mansão.

Decidiram ter filhos já numa fase bastante adiantada do casamento. De facto, essa decisão coube a Simon, e esperaram dez anos até ao nascimento de uma criança. Sabendo quanto Marjorie ansiava por ter filhos, finalmente Simon acedeu aos desejos da mulher, sentindo-se apenas um pouco desiludido quando Marjorie deu à luz uma menina em vez de um menino. Já tinha cinquenta anos quando Sasha nasceu e Marjorie trinta e nove. O bebé passou de imediato a ser o amor da vida da mãe; tornaram-se inseparáveis. Marjorie passava horas a fio com a filha, ria-se às gargalhadas e falava-lhe como se estivesse a arrulhar, brincando com ela no jardim. Quase entrou numa fase de luto quando Sasha começou a ir à escola, o que obrigou a que estivessem separadas durante parte do dia. Sasha era uma criança terna e adorável, uma mistura interessante dos progenitores. Possuía um certo ar austero do pai, a par da suavidade etérea da mãe. Marjorie era uma mulher loura de fisionomia angélica e olhos azuis, com a aparência de uma madona numa pintura italiana. Sasha tinha feições delicadas como a mãe e cabelo e olhos escuros como os do pai, mas, ao contrário dos progenitores, era baixa e de aspeto frágil. O pai costumava arreliá-la, na brincadeira, dizendo-lhe que ela se assemelhava a uma miniatura de criança. Contudo, não havia nada de pequeno na alma de Sasha; possuía a força de vontade férrea do pai, o calor humano, a amabilidade e a ternura da mãe, ao que se associava a franqueza que aprendeu com o pai desde os primeiros anos de vida.

Já tinha quatro ou cinco anos quando ele começou a tomar mais consciência dela e, quando isso aconteceu, só falava de arte com a filha. Nos seus tempos livres, Simon percorria a galeria com ela, identificando os quadros e respetivos autores, mostrando-lhe os trabalhos de cada um reproduzidos em livros de arte, esperando que ela repetisse os nomes dos pintores e que fosse mesmo capaz de os soletrar quando já tinha idade para saber escrever. Em vez de se rebelar, a miúda absorvia tudo o que ele lhe ensinava, retendo todas as informações, por mais pequenas que fossem, que o pai lhe dava. Simon tinha muito orgulho nela. Também se sentia cada vez mais apaixonado pela mulher, que adoeceu três anos depois de Sasha ter nascido.

Inicialmente, a doença de Marjorie constituiu um mistério para todos os médicos que foram consultados e, bem no íntimo, Simon acreditava que o mal era psicossomático. Não tinha paciência para doenças nem fraquezas, acreditando que qualquer problema de natureza física poderia ser dominado e superado. Mas, ao invés de conseguir ultrapassar a doença, Marjorie estava cada vez mais enfraquecida. Somente decorrido um ano conseguiram obter um diagnóstico em Londres, que foi confirmado em Nova Iorque: Marjorie sofria de uma doença degenerativa rara que lhe atacava os nervos e os músculos, e que, numa última fase, lhe incapacitaria os pulmões e o coração. Simon optou por rejeitar este diagnóstico e Marjorie mostrou-se corajosa em face disso, queixando-se pouco, fazendo tudo o que as forças lhe permitiam, durante tanto tempo quanto lhe foi possível, na companhia do marido e da filha, descansando sempre que tinha oportunidade. A doença nunca lhe esmoreceu o espírito, mas, como seria de esperar, o seu corpo

acabou por sucumbir. Quando Sasha tinha sete anos já ela estava acamada, tendo vindo a falecer pouco depois de a filha completar nove anos. Não obstante o que todos os médicos lhe haviam dito, Simon ficou atordoado. Tal como Sasha. Nenhum dos progenitores a tinha preparado para a morte da mãe. Tanto Sasha como Simon haviam-se acostumado ao interesse que Marjorie mostrava sempre por tudo o que ambos faziam e à maneira como participava na existência dos dois, até mesmo depois de estar acamada. A percepção repentina de que ela desaparecera do seu mundo atingiu-os como uma bomba, unindo Sasha e o pai como nunca. Sasha tornou-se, a par da galeria, o centro da vida de Simon.

Sasha cresceu a amar a arte; era a sua fome, a sua sede, o seu sono, constituía tudo o que conhecia, o que fazia e amava, além do pai. Era-lhe tão dedicada quanto ele a ela. Até mesmo em criança, já sabia tanto como Simon a respeito da galeria, assim como dos seus trabalhos complicados e intrigantes, conhecendo todos os que ali trabalhavam. Havia ocasiões em que Simon pensava que, apesar de ainda ser muito nova, ela era mais arguta em relação à galeria e muito mais criativa do que qualquer dos seus funcionários. A única coisa que o aborrecia, e que nem sequer tentava disfarçar, era a paixão crescente da filha pela arte moderna e contemporânea. Os trabalhos de arte contemporânea irritavam-no sobremaneira, nunca hesitando em apelidá-los de sucata, quer em privado quer em público. Simon amava e respeitava os grandes mestres da pintura e nada mais.

Tal como o pai, Sasha estudou na Sorbonne, onde se licenciou em História da Arte; e tal como prometera à mãe, doutorou-se na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Depois do doutoramento, trabalhou durante dois anos

como estagiária no Museu Metropolitano de Arte, o que completou a sua educação académica. Durante esse período, ia a Paris com frequência, por vezes apenas para passar um fim de semana. Simon também a visitava em Nova Iorque tão amiúde quanto lhe era possível. Alegava como desculpa que precisava de entrar em contacto com clientes e colecionadores que tinha nos Estados Unidos da América, aproveitando também para visitar alguns museus, mas o que ele queria realmente era poder ver Sasha, recorrendo a qualquer desculpa que lhe permitisse visitar a filha.

Aquilo que Simon nunca esperara era o aparecimento de Arthur Boardman na vida de Sasha. Ela tinha-o conhecido durante a primeira semana que passara na Universidade de Columbia aquando do doutoramento. Na altura tinha vinte e dois anos e casou-se com ele decorridos seis meses, apesar dos protestos do pai. Inicialmente, Simon ficou horrorizado por a filha se casar tão nova, e a única coisa que o apaziguou, levando-o a acabar por dar o seu consentimento, foi o facto de Arthur lhe ter garantido que, quando Sasha concluísse os estudos e o estágio em Nova Iorque, se mudaria para Paris com ela, cidade onde passariam a viver. Foi por pouco que Simon não o obrigou a assinar essa promessa com o seu próprio sangue. Mas até mesmo ele era incapaz de resistir ao ver como Sasha se sentia feliz. Finalmente, cedeu, admitindo que Arthur Boardman era uma boa pessoa e o homem certo para a filha.

Arthur tinha trinta e dois anos, mais dez do que Sasha. Estudara em Princeton e doutorara-se em Harvard. Tinha um cargo respeitável num banco de investimentos de Wall Street que, muito convenientemente, possuía uma sucursal em Paris. Desde os primeiros tempos do casamento, começou a exercer toda a sua influência para que o nomeassem

para a gerir. Ao fim de um ano nasceu o primeiro filho, Xavier. Dois anos depois, foi a vez de Tatiana chegar ao mundo. Apesar da maternidade, Sasha não descurou os seus estudos. Por sorte, as duas crianças nasceram no verão, logo a seguir ao final do ano letivo, e Sasha contratou uma ama para a ajudar a cuidar dos filhos enquanto ia às aulas e trabalhava no museu. Aprendera a fazer malabarismos com o tempo ao observar o pai a gerir a galeria quando era criança. Adorava ter uma vida muito preenchida e amava Arthur e os filhos. E se bem que ao princípio Simon fosse um avô um tanto ou quanto relutante, não tardou a mostrar um grande entusiasmo pelas crianças, que eram encantadoras.

Sasha passava com os filhos todos os momentos livres, tal como a mãe fizera consigo, entoando as mesmas canções e partilhando as mesmas brincadeiras. De facto, Tatiana era extraordinariamente parecida com a avó materna, semelhança que, de início, enervava Simon, mas, à medida que a menina foi crescendo, ele adorava sentar-se a observar a neta, enquanto pensava na falecida mulher. Era como se ela tivesse renascido na pele da miúda.

Cumprindo o que prometera, Arthur mudou-se com a família para Paris quando Sasha acabou o estágio de dois anos no Museu Metropolitano de Nova Iorque. Para todos os efeitos, o banco de investimentos entregava-lhe a sucursal de Paris para que ele a gerisse aos trinta e seis anos de idade; tal como Sasha, a administração do banco depositava toda a confiança nele. Quanto a Sasha, ia passar a ter uma vida ainda mais ocupada do que em Nova Iorque, onde trabalhara no museu em regime de tempo parcial, dispondo do resto do seu tempo para cuidar dos filhos. Em Paris, iria

trabalhar com o pai na galeria. Agora já estava preparada para isso. Ele tinha concordado que ela saísse todos os dias às três da tarde, para poder estar com as crianças, mas Sasha sabia que teria também bastante do seu tempo ocupado com a vida social, devido à posição do marido. Regressou a Paris vitoriosa, academicamente bem qualificada, empolgada e intrépida, entusiasmada por poder voltar ao seu país. O mesmo se aplicava a Simon, contentíssimo por ela estar em casa e a trabalhar, finalmente, com ele. Havia vinte e seis anos que aguardava esse momento, que, por fim, chegara, para grande satisfação de pai e filha.

Simon continuava a ter o mesmo aspeto austero que ostentava quando ela era criança, mas até mesmo Arthur reparou que, depois de se terem mudado para Paris, com o passar dos anos, a atitude de Simon foi abrandando de modo quase impercetível. De tempos a tempos, até se entretinha a tagarelar com os netos, muito embora, a maior parte das vezes em que os visitava, preferisse ficar sentado a observá-los. Nunca se sentira muito à vontade na presença de crianças pequenas, nem mesmo com Sasha, durante a sua infância. Quando se mudaram para Paris já Simon tinha setenta e seis anos. Foi a partir dessa altura que a vida de Sasha conheceu um grande impulso.

O primeiro assunto a tratar era decidir onde passariam a viver; Simon surpreendeu o casal ao resolver-lhes o dilema. Sasha planeara procurar um apartamento na Margem Esquerda. A família já era demasiado grande para o andar que era propriedade do banco, no décimo sexto bairro. Simon ofereceu-se para lhes ceder a ala da mansão em que vivia, um espaço elegante, com três pisos, que fora a sua casa não só durante todo o tempo em que estivera casado,

assim como nos anos anteriores e depois disso. E insistiu, alegando que era demasiado grande apenas para ele, além de que os joelhos já se ressentiam quando tinha de subir as escadas, se bem que Sasha não acreditasse inteiramente no que o pai dizia; ele ainda conseguia fazer caminhadas de vários quilómetros. Simon propôs mudar-se para o outro lado do pátio, para o último andar da ala onde se situavam os escritórios e armazéns suplementares. E não perdeu tempo, metendo mãos à obra para remodelar aquele espaço, acrescentando-lhe umas bonitas janelas ovais sob o telhado de mansarda. Também mandou colocar um divertido assento motorizado para subir e descer as escadas, fazendo as delícias dos netos sempre que os autorizava a utilizá-lo. Nessas alturas, subia as escadas ao lado deles, que soltavam risos de satisfação. Sasha ajudou-o nos trabalhos de remodelação e decoração, e isso deu-lhe uma ideia que, inicialmente, porém, não foi do agrado do pai. Era um plano que ela acalentava havia vários anos e com o qual sonhara toda a vida: queria aumentar a galeria para poder incluir trabalhos de artistas contemporâneos. A ala que anteriormente fora utilizada como armazém era perfeita para a concretização do seu plano; situava-se no extremo oposto do pátio, onde ficavam os escritórios e os novos alojamentos do pai. Era evidente que abrir o piso térreo privá-los-ia de parte do espaço que servia para armazenagem, mas já tinha consultado um arquiteto para lhes desenhar um novo armazém com aproveitamento máximo do espaço do andar de cima. À primeira menção de negociar trabalhos de arte contemporânea, Simon ficou furioso. Não tinha a mínima intenção de estragar o bom nome da sua galeria, de pôr a sua reputação em perigo, vendendo arte sem valor, de que Sasha tanto gostava,

da autoria de artistas que, persistia em dizer, não possuíam talento. Foi preciso quase um ano de discussões azedas para Sasha conseguir convencê-lo.

Só quando ela ameaçou deixar a galeria e começar a trabalhar por conta própria é que Simon finalmente cedeu — se bem que com uma dose considerável de rancor e uma resmunguice feroz. No entanto, ainda que tendo uma maneira de ser mais branda, Sasha era tão inflexível como o pai, o que lhe permitiu manter-se firme. Mas, mesmo depois de o seu plano ser aceite, nem sequer se atrevia a reunir-se com os novos artistas nos escritórios principais, por o pai se comportar com tanta grosseria com eles. Todavia, a teimosia de Sasha igualava a de Simon. Um ano depois de se terem mudado para Paris, inaugurou a ala de arte contemporânea com toda a pompa e circunstância. E, para grande perplexidade do pai, as críticas foram extremamente favoráveis, não apenas por ela ser Sasha de Suvery, mas também porque tinha golpe de vista para o que eram trabalhos de arte contemporânea de qualidade, à semelhança do que acontecia com o pai na sua área.

Notavelmente, Sasha conseguia manter um pé em cada um dos mundos: era conhecedora no respeitante ao que ele negociava de forma tão competente como era brilhante em relação aos trabalhos modernos. Quando completou trinta anos, três anos depois de ter aberto a Suvery Contemporânea, esta já era a galeria de arte contemporânea mais importante de Paris e talvez mesmo da Europa. Além do mais, nunca se divertira tanto em toda a sua vida, assim como Arthur. Ele adorava o que Sasha fazia, dando-lhe o seu apoio em todas as decisões, em todos os investimentos, mais ainda do que o pai, que continuava a mostrar relutância, apesar de, em última análise, sentir um grande respeito



por tudo o que ela conseguira concretizar em termos de arte contemporânea. De facto, Sasha colocara a galeria do pai na vanguarda, o que fizera com grande impacto.

Arthur adorava o contraste entre a vida profissional da mulher e a sua. Agradava-lhe a jovialidade que transparecia dos trabalhos que ela exibia, assim como o espírito brincalhão dos artistas de artes plásticas com quem ela trabalhava, tão diferente do dos banqueiros com quem ele tinha de lidar. Era frequente acompanhá-la nas viagens que fazia a outras cidades para contactar novos artistas, além de lhe agradar sobremaneira ir com ela a exposições de arte. De comum acordo, tinham remodelado a ala de três pisos em que viviam, transformando-a quase num museu de arte contemporânea, com obras de pintores que começavam a ser conhecidos. E os trabalhos que ela negociava na Suvery Contemporânea eram, em termos financeiros, muito mais acessíveis do que os impressionistas e quadros antigos de grandes mestres que o pai transacionava. Os negócios de um e outro iam de vento em popa.

Sasha geria o seu ramo do negócio havia oito anos quando tiveram de fazer face à primeira crise grave. O banco de investimentos de que Arthur era sócio há vários anos insistiu com ele para que voltasse a gerir as instalações de Wall Street. Dois dos sócios haviam falecido num acidente aéreo com um avião particular e todos eram unânimes em que Arthur era a escolha óbvia para gerir a sede do banco. Na verdade, ele era a única escolha. Por isso, e em boa consciência, Arthur não tinha maneira de poder recusar. Para ele, a sua carreira também era muito importante e a administração do banco não tencionava dar-lhe qualquer saída. Precisavam dele em Nova Iorque.